

A INCLUSÃO, A DIALÉTICA E A ESPIRITUALIDADE NA PESQUISA: O APORTE DA SOCIOPOÉTICA

Jacques Zanidê Gauthier, Universidade de Paris VIII)

Luís Vítor Castro Júnior (Universidade Estadual de Feira de Santana/ PUC/SP)

Maria Geovanda Batista (Universidade do Estado da Bahia)

GT 17 - Educação, Cultura e Sociedade.

A SOCIOPOÉTICA

É uma abordagem de pesquisa baseada em cinco princípios norteadores, diretamente relacionados ao pensamento da complexidade:

1) As pessoas alvo da pesquisa instituem-se num *grupo-pesquisador*, com poder de decisão sobre o processo inteiro da pesquisa (o por quê, como se faz, para que e para quem é produzida). Decidem participando das análises, interpretações e experimentações, assim como da socialização (publicação acadêmica, peça de teatro, multimídia...). Esse princípio, com origem na análise institucional (Lourau, 1995), torna a pesquisa mais complexa e mais rica do que as pesquisas baseadas na onipotência dos pesquisadores acadêmicos. Na sociopoética, estes são chamados de facilitadores e pertencem ao grupo-pesquisador, com um papel diferenciado, já que não são autores dos dados produzidos; mas eles cuidam de estudar esses dados com um carinho metodológico profissional (a esse estudo realizado pelo/s facilitador@s contrapõem-se as "contra-análises" dos demais membros do grupo-pesquisador, chamados de "copesquisadores"). Obviamente, os copesquisadores chegam na pesquisa com seus próprios quadros de conhecimento do real, que geralmente são diferentes dos quadros acadêmicos. Daí o segundo princípio.

2) As culturas dominadas, minoritárias e de resistência são quadros relevantes para a leitura, análise e interpretação dos dados. Ouvir as pessoas, ler o conjunto dos dados com um olhar ou um ouvido indígena, camponês, afro-brasileiro, operário..., isso traz dimensões amplas e descolonizadoras à pesquisa. Favorece também a autocrítica, o questionamento do olhar acadêmico e das redes de poder e de desejo que formam o que é chamado de cientificidade (ver, entre outros: Foucault, 1979; Feyerabend, 1989; Santos, 2001; Schlanger e Stengers, 1989; Thuillier, 1994). Isso aponta para um outro aspecto da complexidade, ligado à necessária análise das implicações dos pesquisadores na constituição do seu tema de pesquisa (Lourau, 1988). Chegamos diretamente ao terceiro princípio norteador, pois não pensamos somente com a razão analítica.

3) O corpo inteiro é ator e protagonista no processo de produção do conhecimento. Ou seja, não conhecemos apenas com a razão (tradicionalmente privilegiada como razão de tipo matemático), mas também com a emoção, com a intuição, com a percepção, com as sensações e a sensualidade, com a gestualidade. Mesmo ao considerarmos a razão, existem, no povo, modos de raciocinar que mobilizam formas de razão mais relacionadas à palavra certa dita ao momento certo, à astúcia, ao "jeitinho manhoso", como diria Paulo Freire, às dinâmicas do fazer que perpassam os saberes proletários, e ainda, ao conhecimento intuitivo dos elos que tecem o saber comunitário. Trabalhar com o não-racional abre os caminhos do subconsciente, do implícito ou

do recalcado; tocamos aqui uma outra forma de complexidade, não-logocêntrica. Como dizem Deleuze e Guattari, "rizomatizamos". Daí o quarto princípio da sociopoética.

4) A arte e a criatividade do tipo artística se revelam como uma potente fonte de conhecimento. Elas favorecem a revelação e análise do recalcado, assim como a criação de dados móveis, emergentes, inesperados, "distantes do equilíbrio", como dizem os contemporâneos teóricos do caos e da complexidade. Por outro lado, Deleuze e Guattari, em *O que é Filosofia?*, distinguem as funções (objetos da ciência), os conceitos (objetos da filosofia) e os perceptos e afetos (objetos da arte). Nesta ótica, uma boa pesquisa sociopoética deve permitir a elaboração de questões *filosóficas* inéditas na história da filosofia, da parte do grupo-pesquisador. Principalmente, graças à escolha de atividades *artísticas* na produção de dados. Geralmente aparecem o que chamamos de *confetos*, seres ou formas de energia intelectuais situadas "entre" afetos e conceitos, ou, participando tanto do afeto quanto do conceito (Gauthier, 1999a). Pois é nessa forma anômala, ou seja, áspera (sem o aspecto liso e bem educado do conceito), que pensamos na maior parte do tempo, e a pesquisa não pode ignorar as formas cotidianas do pensar. Em pesquisas bem sucedidas, o grupo-pesquisador vivencia um devir de filósofo coletivo, produtor de confetos - e também de conceitos no sentido habitual da palavra, ou seja, de noções ao mesmo tempo contextualizadas e com pretensões desterritorializantes à universalidade. Ao nascer sob a forma de personagem filosófico, o grupo-pesquisador (este coletivo inteligente) firma o quinto e último princípio da sociopoética.

5) O sentido ético, político, social e espiritual da pesquisa é elaborado e questionado pelo próprio grupo-pesquisador. É o sentido ético do pesquisar que nos apresenta a questão básica: o que é criar um desejo coletivo como um modo de produção do conhecimento, o que é criar intensidades coletivas inovadoras como expressão da "vontade de saber"? Porque pesquisamos? Para quem escrevemos? Qual é o sentido de nossas pesquisas? Não se trata de querer uma pesquisa politicamente correta, pois os desejos liberados pelo processo de pesquisa grupal autogerida podem ser impiedosos, cruéis, malandros, impensáveis. Trata-se de tomar, crítica e coletivamente, atitudes responsáveis para com as próprias experiências de vida e os próprios saberes que a pesquisa revelou, no seio do grupo-pesquisador (ver por exemplo Guattari e Rolnik, 1986). Vê-se que a dinâmica da inclusão está constantemente presente na atividade sociopoética.

A INCLUSÃO

A dinâmica inclusiva está presente de maneira bastante original, pois a inclusão pode ser entendida como a do ser não-acadêmico - *sujeito* da própria pesquisa - com olhar, ouvido, tato, pensamento... livres de se manifestarem na forma que quiserem, numa postura de igualdade e troca com @s facilitador@s (geralmente, mas nem sempre somente acadêmicos). Constitui-se um sujeito coletivo pesquisador e filósofo dialógico, polifônico, plural, híbrido (escolham o qualitativo que quiserem, a depender de suas orientações epistemológicas - Freire, Bakhtine, Arendt, Bhabha...). No processo de pesquisa sociopoética, gostamos de pedir para índios ou afro-brasileiros pensarem e vivenciarem ancorados na polifonia de seu mundo ancestral, nos seus "modus operandi" referenciais. Por exemplo, o orixá Exu ou Mpoombo Nzila (segundo seu nome banto: "o mensageiro"), é responsável pela dinâmica da inclusão pela diversidade e alteração (Oliveira, 2003). Numa visão oriental, a presença sensível ao outro tem esse papel (Barbier, 1993). Isso favorece a inclusão da *ancestralidade* num mundo dominado, hoje em dia, pela *historicidade* (para discussão desses termos, ver Muniz Sodré, 1999).

Além disso, no próprio decorrer da pesquisa tecem-se o que chamamos, após Michel Serres, 1972, de *interreferências* ou *interferências*. O grupo-pesquisador cria seu próprio quadro de pensamento e, dentro deste quadro, seus poços de captura e suas linhas de fuga, misturando, conectando, desfazendo, heterogeneizando, juntando o que normalmente não pode ser juntado etc. (Ver Gauthier, 2000).

Incluir é criar. Não somente aceitar. Não somente acolher. É o movimento mesmo do conhecer como atenção ao diferente, e também, ao que nos altera, colocando no nosso caminho vários riscos, desafios inesperados que nem sempre são agradáveis.

Desconfiamos muito dos discursos moralmente corretos que elogiam o risco, o desafio, a alteridade, a diferença, sem explicarem que assumir essa dimensão da pesquisa gera sofrimentos, obrigando @ pesquisador@ a mergulhar nas suas implicações, no seu inconsciente, ou seja, naquilo que, institucionalmente, conforme mostrou a análise institucional, el@ acostumou (se)esconder. Isso gera afetos, emoções, às vezes pesadas e imobilizadoras.

Incluir de verdade, e não apenas na fala e na escrita, significa predispor-se a sofrer. Pois nascemos em sociedades de exclusão e fomos educados, tanto na aceitação de muitas exclusões que sofremos como se fossem naturais, como acontece na reprodução - por conta própria - de processos excludentes (por exemplo excluindo as pessoas alvo da pesquisa de qualquer potência no processo de pesquisa). Sair do quadro, ou seja, criar, é um processo de autocrítica que coloca em questão alguns fundamentos do que acreditamos ser o nosso ser (todo ser humano tem a ilusão de ter uma identidade fixa). Assim, vamos conquistando a liberdade. Mas, não sem antes ultrapassarmos nossos limites instituídos. O que é filosoficamente interessante, por ser paradoxal, é que só o contato com a diferença e a "alteração" - fonte de conflitos íntimos e dificuldades - pode nos proporcionar a *grande alegria* de uma maior liberdade. Aqui torna-se central a questão do cuidar de si e do cuidar do outro no processo de pesquisa. Se devemos morrer a algo, deve ser uma morte alegre, uma morte de vida. É interessante realizar pesquisas que interrogam os fundamentos aceitos por cada um@, mas sem confundí-las com pesquisas depressivas e angustiadas que enfraquecem a vida, as energias. O problema é o seguinte: como passar por uma *crise cognitiva* potencialmente sofrida, no sentido amplo dado a essa expressão pela sociopoética (conhecimento emergente, nascido do fluxo das energias que perpassam o grupo-pesquisador atravessando seus corpos-movimentos, dinamizados). Como superar os obstáculos cognitivos pessoais e os obstáculos epistemológicos oriundos da ciência instituída, sem que se enfraqueçam ou rigidifiquem os corpos, e sim que eles se fortaleçam e flexibilizem na busca de uma visão mais ampla, de uma escuta mais aberta, de razões plurais, de toques sensíveis? Eis o desafio.

Antes de examinarmos esse desafio, que podemos chamar de "desafio do cuidar no pesquisar" (cuidar sem medo, sem (se) esconder ou recusar as feridas e as dores), gostaríamos de expor mais detalhadamente como acontece o processo de libertação por inclusão.

1) No que diz respeito ao primeiro princípio norteador, considerando que o grupo-pesquisador é o verdadeiro autor da pesquisa, incluir nele é instituir uma situação nova, ao redor da pergunta: *Como ajudar uns aos outros para colocar perguntas pertinentes?* Pensando nos quadros cotidianos de comunicação, marcados pelo consenso e pela naturalização das dominações instituídas, uma base para essa aprendizagem mútua do pensamento pertinente pode ser formulada assim: *Como ensinar-se mutuamente a dizer "não"?* As duas perguntas convergem na

pergunta chave: *Como aprender, enquanto membro do grupo-pesquisador (portanto, isso vale para @s facilitador@s), a colocar suas próprias perguntas - e não perguntas pensadas e colocadas na boca por outros?* Como dizia o historiador Georges Duby, "*minha liberdade está no seu auge quando eu coloco minhas próprias perguntas*". Favorecer essa liberdade de pensar filosoficamente por si mesmo é a integração, tal como concebida pela sociopoética. O dispositivo de co-construção autogerida da pesquisa é o cerne dessa integração libertadora. E mais: desde a aceitação da entrada d@s facilitador@s na instituição hóspede da pesquisa, o tema gerador da mesma é debatido e negociado. A pesquisa é de tod@s.

2) O pensamento sociopoético da relevância das culturas populares e de resistência integra no ato de pesquisar, obviamente, os saberes desvalorizados ou ignorados pelas forças dominantes da sociedade. Não se pode ignorar séculos de lutas populares, de classe, raça, gênero... numa pesquisa. Integrar, no caso, significa trazer o olhar dos dominados como parceiro de fundamental importância na compreensão do mundo. Aí deve a ciência instituída renunciar à posse exclusiva do saber legítimo, sendo legítimas outras formas de saber, com outras racionalidades ou outros canais corporais de conhecimento. A pergunta é: *Como ensinar-se mutuamente a dizer "sim"?* Sim ao fraco, sim ao pequeno, sim ao invisível, sim ao escandaloso, sim ao feio, sim ao vergonhoso em nós. Pois é qualificado assim do ponto de vista do dominante, de quem tem vez e voz na sociedade, portanto, o poder de desvalorizar e negar o dominado. Integrar é abrir à ética, contra as morais de negação do desejo. Integrar é valorizar as referências de vida e os referenciais de pensamento que foram e são marginalizados e minorizados pelo pensamento dominante. Valorizar a oralidade e gestualidade. Pensar a complexidade através da multirreferencialidade (ver por exemplo Barbosa, 1998), ao cruzar os olhares, culturalmente produzidos, sobre os dados da pesquisa; até, experimentar técnicas de produção de dados oriundas de práticas culturais populares. Pensar também a complexidade através da interreferencialidade, ou seja, no surgimento de pensamentos híbridos, emergentes, no seio do grupo-pesquisador, sendo @s facilitador@s somente componentes nessa química do pensar.

3) A integração de todos, assim como de todas as formas de pensar na pesquisa - conforme o terceiro princípio norteador da sociopoética - passa pela abertura do corpo para todas as suas dimensões afetivas e cognitivas. Lembrando a cruz do conhecimento segundo Jung, 1995, o ar do raciocínio e a água da emoção no eixo vertical, a terra dos sentidos e o fogo da intuição no eixo horizontal, participam do pensar em todo ser humano e em todo grupo humano, portanto, no grupo-pesquisador. Um objetivo da pesquisa é a *integração* (no sentido desse autor) desses quatro elementos no processo de produção do conhecimento, o que, conseqüentemente, favorece a integração das pessoas no grupo, com o maior respeito para com suas diferenças. Descobrimos, pela experiência da vida, que a espiritualidade encontra condições favoráveis para seu desenvolvimento no *equilíbrio entre os quatro elementos*. Podemos dizer que uma pesquisa espiritualmente desenvolvida consegue equilibrar as quatro formas de se construir coletivamente o conhecimento. É uma forma forte de inclusão. Talvez esteja aí a quintessência, a quinta essência do saber, fonte de vida e espiritualidade. De um ponto de vista estritamente cognitivo, o *emergente* encontra aqui sua lama fecunda. O que emerge é o que sai dos quadros dados. Abrir possibilidades para o estranho (ou seja, o emocional para quem está acostumado a raciocinar e vice-versa - no eixo vertical -, o intuitivo para quem está acostumado a viver com seus sentidos e vice-versa - no eixo horizontal), já acontece na escolha de técnicas de pesquisa que surpreendem os copesquisadores e rompem com o familiar. Mas o *equilíbrio* entre os quatro modos de pensar gera outros tipos de emergências, mais criadoras, mais energizantes.

4) A integração pela arte como modo de produção de conhecimentos é um processo de integração do ser - no sentido psicológico da palavra. Pois , trabalha-se com o inconsciente, sem desconhecê-lo, e ainda menos , contra ele - o que acontece em muitas pesquisas meramente racionalistas. Favorecendo o surgimento de parte do recaiado, trabalhando no sentido de desbloquear a mente, deixando lugar para o acaso criador, a integração acontece em estados distantes do equilíbrio, que favorecem novos tipos de integração. Uma alteração do ser. Ou seja: a integração acontece em movimento, a integração constitui-se como uma problemática. A pergunta surge: *Como estamos integrados? Em nós? Entre nós?* Neste ponto, não utilizamos técnicas artísticas com ingenuidade. Pois poderíamos nos contentar com o prazer proporcionado pela alegria criadora do grupo, sempre intensa. Este prazer é importante, mas também é um passo, rumo a um momento decisivo: o momento da problematização filosófica da vida. A arte revelou parte do desconhecido de cada um@ no grupo, ainda há de relacionar este inconsciente revelado com as perguntas conscientes que norteiam a pesquisa. E construir novos problemas, novos conceitos, novos conceitos. A integração é uma integração cognitiva e afetiva (ou seja, *cognitiva no sentido amplo*, não-piagetiano, que damos a essa palavra), que institui o grupo como pensador, como filósofo singular.

5) Conforme o quinto princípio da sociopoética, ao interrogar o sentido da pesquisa em cada passo de seu desenvolvimento, o grupo-pesquisador gera desidentificações, as pessoas questionam suas certezas instituídas, a própria pesquisa interroga suas condições institucionais de existência, até tornar-se instituinte de novos quadros e acontecimentos cognitivo-afetivos. Neste processo crítico, as pessoas perdem suas identificações reificadas, aprendem a se desidentificar, a firmar suas diferenças; a questão do sentido da pesquisa encontra suas bases nesse processo de heterogeneização. Assim é a integração uma criação de intensidades coletivas, de um desejo coletivo no saber, pela diferenciação e heterogeneização.

Vemos que a pesquisa sociopoética mexe com a complexidade. Ela não deshumaniza o ser, e sim pesquisa com tudo aquilo que somos. Sendo pesquisador, cada membro do grupo-pesquisador altera-se no pesquisar. Produz conhecimentos anteriormente desconhecidos por ele mesmo. Altera-se até entrar numa "síntese disjuntiva" (conforme enfatizam Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, Vol. 3, contra as pretensões totalizantes da síntese hegeliana, que só obedece à lógica identificatória do Um e do Outro), participando da instituição de um filósofo coletivo, o próprio grupo-pesquisador. Neste processo pluridimensional acontecem eventos que mexem com a auto-estima, as forças e fraquezas de cada um@. Por isso , constitui-se a pesquisa num cuidar sensível.

Mas esse desenvolvimento coletivo do ser amoroso pode tornar-se um obstáculo na elaboração de conhecimentos novos, tornando-se o grupo-pesquisador um coletivo que gera o que René Kaës (1991) chama de *ilusão grupal*, ou seja, idéias e afetos colocando-o como melhor, mais potente, mais inteligente que os outros que não se beneficiarem do mesmo devir. Para edificar esse pequeno monumento de orgulho, os membros escondem as contradições, evitam os conflitos, criam falsos consensos. Ao nosso ver cabe aos facilitador@s da pesquisa introduzirem um movimento dialético, "conflituante", produtor de contradições e de dissensões, para sair do *jogo de esconde-esconde* produzido pela falsa unanimidade do grupo, para entrar no desvelamento das dinâmicas de poder presentes nas instituições.

A DIALETICA

Essa palavra soa de maneira esquisita, após as críticas de Deleuze e Guattari e outros neo-nietzscheanos. Ela parece como a marca de um enraizamento marxista, o qual se tornou estranho, ou melhor, parafraseando Nietzsche, *intempestivo*, após a queda de muitos símbolos da luta comunista. Mas fiquemos atentos ao fato de que René Lourau, um dos criadores libertários da análise institucional, nunca a criticou nem abandonou. Além disso, um pesquisador que trouxe tanta criatividade na área da educação e da antropologia, José de Souza Martins (1996), mostra a atualidade do pensamento dialético. Obviamente existem versões filosoficamente incultas da dialética e outras, perigosas, por serem maniqueístas ou por serem cúmplices de uma filosofia da identidade que se esconde. Do nosso ponto de vista, a negatividade oriunda de Heráclito é um bem precioso para o pensamento. Com efeito, a presença do negativo no positivo nos alerta para ficarmos sempre distanciados e críticos, nas experiências que vivenciamos. A dialética é um instrumento da razão crítica. O importante é pensar a *negação da negação* como nunca sendo uma síntese, nem uma superação hegeliana, e sim, a produção de diferenças, já que essa negação acontece em planos heterogêneos.

Por exemplo, na dissertação de mestrado de um de nós (Luís Vítor Castro Jr., 2002), foi experimentada uma dialética interna na sociopoética. Talvez por essa razão, @ facilitador@ foi chamad@ de *mediador@*. Nessa pesquisa em pedagogia comparada, desenvolvida com capoeiristas, velhos mestres e jovens professores de educação física, encontramos um processo de *negação da negação* que se pode formular assim: existe a pedagogia dos antigos mestres de capoeira angola (*afirmação*, cujos conteúdos e formas são pesquisados a partir de técnicas oriundas dos teóricos da história oral); existe, igualmente, o instituído pedagógico da escola pública como *negação* dessa pedagogia afro-brasileira, da mesma maneira que as instituições colonizadoras negaram a cultura dos escravos. Ora, introduzindo a capoeira angola na escola pública, os professores formados pelos velhos mestres instituem um processo de *negação dessa negação*, que não pode ser a reprodução da pedagogia antiga, por causa do contexto escolar, nem a reprodução da pedagogia instituída na escola, por causa dos devires proporcionados pela roda de capoeira. Mas não é a síntese, a reconciliação das duas pedagogias, das duas formas de corporeidade e aprendizagem, bastante antagônicas. É uma coisa completamente nova, que pode tomar formas diversas e até inesperadas, segundo as dimensões em que jogam as contradições.

Numa visão um pouco esquemática, o problema pode ser colocado assim: será que a escola formal vai fagocitar a capoeira, tirando dela o seu elemento africano original, tornando-a uma disciplina como as outras, disciplinadora dos corpos e das mentes? Ou, pelo contrário, a capoeira vai contagiar a escola, favorecendo mudanças revolucionárias na pedagogia e na organização (disciplinas, horários, currículo)? Obviamente, é assim que podemos expor o desafio presente na prática d@s professor@s e alun@s. Mas os processos que se desenvolvem na realidade são mais complexos. Podemos dizer que *as contradições vão criando desejos novos*, sob a forma de linhas de fuga que desterritorializam a instituição escolar, mesmo se esta tenta reterritorializar a capoeira nas práticas habituais e no currículo instituído. Esses processos produzem diferenças segundo as escolas, @s professor@s, as turmas etc. O grupo-pesquisador constituído a favor da referida pesquisa questionou-se sobre o que ele *desejava*, pedagógica e institucionalmente, para si mesmo, e para o quê ele queria lutar (percebe-se que o *desejo* não é um dado natural, e sim uma criação, uma *linha de fuga* do dispositivo de pesquisa sociopoético). Para chegar a uma verdadeira discussão desses pontos que não seja meramente ideológica e também, para quebrar o consenso grupal, ou seja, para seguir linhas de fuga desterritorializante, para catalisar e

intensificar os desejos, o facilitador criou técnicas dialéticas.

Com efeito, o desafio não era só democratizar as problemáticas, mas igualmente, potencializá-las. Nesse ponto, o grupo-pesquisador deu um passo importante: foi solicitado que cada membro copesquisador bolasse uma atividade (jogo, brincadeira, vivência etc) que costumava trabalhar com as crianças na escola; a proposta era, inclusive, descentralizar a condição de mediador do grupo, oportunizar para que os copesquisadores comandassem o trabalho. Mas ao mesmo tempo estava em jogo a descoberta, de forma mais espontânea possível, de como eles trabalhavam com a capoeira na escola. Com esse dispositivo deveriam aparecer com clareza, neste momento preciso da pesquisa, conflitos relevantes dentro do grupo, e revelar-se aquilo que @s sócio-analistas chamam de “não-saber que guia nossos atos” – o inconsciente institucional que percorre nossa vida profissional – o processo inteiro convergindo no sentido de se analisar as instituições que atravessam os professores ensinando a capoeira, notadamente a partir da reflexão coletiva crítica e autocrítica sobre os obstáculos e as resistências à mudança que se fazem presentes no decorrer da experiência social.

Deste trabalho metódico surgiram propostas de transformações que não eram apenas votos, e sim projetos que se apoiavam nas contradições, nas dificuldades, nas negações e nos medos, em lugar de negá-los magicamente. Como? Considerando que o dispositivo sociopoético já colocava as pessoas numa dinâmica de superação parcial desses empecilhos, graças a um melhor conhecimento, ao mesmo tempo guerreiro e amoroso, do inconsciente. Em consequência dessa preocupação dialética e dialógica de criação cultural, foram apresentadas pelos membros do grupo-pesquisador, no dia seguinte, três atividades.

- A primeira atividade consistia em um jogo simbólico: a brincadeira levava os participantes a imaginarem uma bola que não existia concretamente e todos deviam passar a bola um para o outro com os movimentos de capoeira. Depois de um tempo, todos tiveram que colocar um som qualquer na passagem da bola. A partir do vivido foram geradas outras possibilidades de brincar; pois, neste momento da “brincadeira”, os participantes começaram a modificar tanto o significado que cada um dava à passagem da bola para o outro, como ao próprio jogo, o qual já estava sendo recriado pelo grupo. O interessante é que, na gestualidade do grupo, expressavam-se diversas intencionalidades de dramatização, de ataque, de defesa, de angústia, de paciência, de reverência, enfim, de riqueza de expressões. As intencionalidades elaboradas por cada participante do grupo desdobravam-se de duas formas: a primeira, referente ao significado que cada jogador tinha em dificultar a passagem da bola para o outro; a segunda, no que diz respeito ao tema-gerador da pesquisa, que inclui a forma metodológica na qual os professores trabalham com a capoeira na escola. O grupo levantou diversas considerações em relação à importância dos jogos enquanto elementos pedagógicos para o processo de aprendizagem da capoeira. Eles estavam convictos de que a capoeira escolar deveria privilegiar os jogos e brincadeiras. Argumentaram que, nessa forma de trabalhar, ocorre uma maior aproximação da aprendizagem dos golpes com sua aplicabilidade na roda, tendo em vista que a roda foi, por eles, um momento de jogo e brincadeira. O interesse epistemológico e metodológico dessa aproximação é que a pesquisa possibilitou a valorização da imaginação criadora das pessoas, a qual é despertada pela atividade comum. Propondo uma vivência, um membro do grupo pode favorecer o desenvolvimento do processo de construção cooperativa do conhecimento em vias inesperadas e pertinentes em relação à prática profissional. Da atividade surgem questões enraizadas na experiência social, que facilitam a expressão da diversidade e complexidade da existência. Isso

limita os riscos de esquematização dessa complexidade, segundo um único olhar.

- A segunda atividade consistiu em um jogo, só que desta vez com uma outra característica: o mediador da atividade separou um componente que tinha que fugir do outro colega, enquanto as outras pessoas do grupo davam as mãos, com a responsabilidade de proteger o camarada que se encontrava no papel de fugitivo. É importante apontar que toda atividade de deslocamento era feita através da ginga da capoeira. O jogo tinha uma característica de contato corporal constante e a todo o momento tinha que entrar em conflito. O conflito ocorrido no jogo representava a vontade do pegador de alcançar o seu objetivo de qualquer maneira. Para isso, ele teve que empurrar, forçar a corrente, e outras atitudes semelhantes. O outro conflito discutido pelo grupo estava relacionado com a natureza da atividade, ou seja, se ela não evidenciava muito a competição em detrimento da cooperação, tendo em vista que o pegador tinha que lutar para conquistar seu objetivo. O grupo-pesquisador ficou dividido; uns acharam que este jogo poderia machucar os colegas e que, portanto, deveria ser evitado; outros pensavam que fazia parte do processo esse contato mais forte e que era uma característica do jogo e da capoeira. Neste momento, a discussão tomou uma dimensão filosófica, com divergências sobre os valores éticos a serem enfatizados pelos professores. A ruptura do consenso, que era desejada, foi alcançada e o debate alimentou a reflexão do próprio mediador da pesquisa sobre suas escolhas filosóficas pessoais. Com efeito, a sociopoética enfatiza que é epistemologicamente importante que os demais membros do grupo-pesquisador ajudem o mediador à “ver suas costas”, perceber sua sombra, ser mais lúcido sobre suas implicações ideológicas, libidinais e materiais no tema-gerador da pesquisa. Essa descoberta da sua sombra é válida, também, para os copesquisadores.

- A terceira atividade foi uma ginga coletiva, um atrás do outro. Ao som da música, todos tinham que gingar sem perder o ritmo, pois, toda vez que um participante perdia o ritmo, ele desconectava toda a ginga do grupo. Nesta atividade, a grande dificuldade do grupo foi se soltar, pois no momento da ginga todos estavam muito próximos uns dos outros. Foi um momento muito importante, facilitado pela particularidade deste grupo-pesquisador ser formado somente por pessoas do sexo masculino. Talvez tenha sido por isso que a atividade teve um tempo menor na sua realização, o que é pedagogicamente interessante. Mas o grupo questionou o responsável pela atividade: “Como esta ocorreria com crianças na escola?” - considerando que as turmas são mistas e que as meninas geralmente se recusam em entrar em jogos desse tipo, pensando que é “ousadia”. A discussão evidenciou o lado afetivo e de construção coletiva, e o mediador colocou que a prática não era tão fácil, mas que, quando ele desenvolvia com alunos e alunas vivências dessa natureza, esses e essas adoravam participar dessas brincadeiras. Aqui é importante sublinhar que apareceu a dimensão do gênero, não prevista no momento de idealização da pesquisa – por pesquisadores-homens – tema que, sempre, lembra, em cada um de nós, certas contradições na construção da “identidade afro-brasileira”, mais complexa que alguns discursos identitários deixam imaginar e percorrida por linhas de desterritorialização.

Essas três vivências correspondem tanto à problemática inicial do seminário de pesquisa (investigar como os professores trabalham a capoeira na escola), como à pergunta levantada pelo grupo-pesquisador: de que forma deve-se trabalhar com a capoeira no âmbito escolar. Assim foi atingido o objetivo geral da prática sociopoética de pesquisa: a dialogicidade na construção dos problemas científica e socialmente relevantes.

Neste plano existe um ponto crucial e difícil, muitas vezes doloroso, que Deleuze e Guattari

chamaram de “Anormal”. O “anormal” (o sem *omalia*, ou seja, na língua grega, o que é não liso e sim áspero, rugoso, ou seja, aquilo que os autores exemplificam com a Baleia Moby Dick para o Capitão Ahab, ou seja, com o *devir-baleia do capitão* – 1980: 298) é aquilo que permite a passagem para o *devir-animal*. Ora, nesse devir vivenciamos multiplicidades, encontramos intensidade a partir da borda (da nossa pele, e também da borda da matilha, da borda dos afetos como matilha – no caso de afetos-lobos, ratos etc.). Procurando seu "anormal" no grupo-pesquisador, tal está tod@ facilitador@ de pesquisa. Na sua pesquisa de Mestrado, uma de nós (Maria Geovanda Batista, 2003) encontrou em crianças indígenas o seu próprio *devir-criança-indígena*; ela entrou em estados modificados de consciência, criando nela, a criança, criando nela o Toré (a dança indígena), no mesmo movimento em que o grupo-pesquisador Pataxó criava esses mesmos devires (mas a facilitadora era a áspera, a "anormal" para essas crianças indígenas (geralmente reprimidas pelos adultos não-índios com os quais convivem na comunidade e na escola) – cantando, dançando e brincando). Muitas vezes, isso é dolorido, por traçar linhas infinitas na superfície da pele-cérebro, do ventre-coração, por criar "o estranho" num Corpo-sem-Órgãos. É particularmente dolorido em corpos negros, índios, negríndios ou mestiços que foram estigmatizados pelo racismo. Ou por corpos brancos solidários da luta contra o racismo. É uma experiência de transe, perto da loucura, por causa da perda de todo referencial, de todo fundo, de toda *arkhé*. É uma visão intuitiva do caos sem fundo, do *Aiôn* grego, desse tempo ilimitado que se percorre nos dois sentidos.

Recomendamos um cuidado especial para com esses momentos de ruptura caótica, sob a forma de um continente para as experiências espirituais de descorporeização por incorporação, de desimplicação por implicação, que jogam com os limites do ser humano e podem ser perigosas. O continente pode ser a presença de pelo menos, dois facilitador@s de pesquisa, mais a análise crítica bem racional das suas implicações e superimplicações no objeto de estudo e no vivencial. O continente pode ser @ orientador@. Pois é difícil o próprio grupo perceber suas implicações, mesmo através de suas dialéticas internas, sem uma visão de fora. Podemos criar, como faz a socianálise, grupos de facilitadores e facilitadoras que se encontram regularmente para discutirem as implicações de cada um@ nas suas pesquisas, nos “seus” grupos-pesquisadores. Senão, @ facilitador@ pode reduzir as dimensões da pesquisa, logo, o porte dos conhecimentos criados, por medo e fuga de entregar-se muito, por organização de sistemas de defesa, que recalcam parte do vivenciado e dos afetos e confetos emergentes.

Vamos concluir esse trabalho em referência ao livro no prelo, *Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais* - aplicação do paradigma da sociopoética (Gauthier, Santos, Figueiredo, Petit, coord.), onde escrevemos um capítulo intitulado: *A Dimensão da espiritualidade na pesquisa em ciências sociais* - o aporte da sociopoética.

Ao considerarmos ao mesmo tempo, integração, dialética e linhas de fuga, a pesquisa sociopoética, enquanto envolvida com valores espirituais facilita a expressão, pelo grupo-pesquisador, do seu desejo, da tensão vital dos seus sentidos, que cria conhecimentos valiosos em relação com as experiências vividas e as práticas sociais. Acreditar no valor dos conhecimentos produzidos pelas sensações denota nossa originalidade criativa, posicionando-nos na contra-mão das ideologias dominantes no mundo da pesquisa, fascinados pela palavra escrita e pela razão analítica, geralmente reduzida pela visão patriarcal da linguagem e da razão. Mas, por outro lado, conforme a inspiração budista que visa a libertação dos seres humanos dos seus apegos, fonte de sofrimento, é imprescindível completar a pesquisa por marcas balizando caminhos possíveis de

libertação, que incluem a própria razão analítica e crítica ao lado das sensações.

As coisas aparecem dialeticamente: o desejo e o apego podem vir a ser tanto fonte de guerras estereis, de sofrimentos, de opressão entre os povos, quanto um caminho histórico do progresso e da libertação das massas exploradas, pois sem reivindicar, sem desobedecer, sem ousar, não há progresso, igualdade nem justiça social. Na cultura instituída estamos acostumados a considerar a vida como luta pelos bens de consumo, pelo controle da produção e da distribuição. Não é preciso solicitar muito as pessoas para elas explicitarem os obstáculos colocados pelo sistema na consolidação do seu desejo, no alcance do bem-estar material, e até psíquico, em sociedades de exploração de classe. Apesar deste não ser seu objetivo, pode acontecer que a pesquisa sociopoética desenvolva um lado de “conscientização”, no sentido apontado por Paulo Freire, quando por exemplo, um grupo-pesquisador encontra os símbolos necessários para explicitar as opressões sofridas e expressar seus conflitos inconscientes (é uma razão que explica o uso como técnica de pesquisa, desde o início, do "Teatro do Oprimido" segundo Augusto Boal, 1988, e de pesquisas envolvendo o “Arco-íris do desejo”, 1990). Mas podemos também, apesar do ambiente cultural que domina as sociedades capitalistas, trabalhar o desapego e a saída das ilusões da necessidade, que podem vir a se transformar num crescimento espiritual, segundo várias tradições culturais orientais, indígenas, africanas... . Sim, trabalhar o desapego e desprendimento, embora possa, por outro lado, aparecer como uma renúncia, uma alienação diante de tantos direitos básicos não satisfeitos. Assim, a busca da serenidade no coração não é algo que podemos classificar como sendo estável, para sempre. Se por um lado o budismo pleiteia o desapego como modo de fazer cessar o movimento no Nirvana, por outro, o I Ching ou Livro das Mutações sustenta que a quietude, a inação, o repouso, é somente o reverso da ação, o outro lado polarizador da duração do movimento (Wilhelm, 1993). No hexagrama 52 – “Quietude ou Montanha”, a sabedoria consiste no discernimento necessário de se saber o que solicita o momento: manter-se quieto quando o tempo, a estação, exigir a quietude; mover-se, fazendo avançar quando as circunstâncias nos solicitarem o movimento, a revolução. Se tudo fosse paz, amor e harmonia, não teriam os chineses desenvolvido a "Arte da Guerra". Tampouco, os povos indígenas iniciariam seus guerreiros, nem teriam desenvolvido seus rituais antropofágicos, para assimilarem as qualidades e a energia vital dos corpos e das culturas de seus adversários.

Assim são jogados os espelhos e encruzilhadas da colonização escravizadora, dos nós corporais, das couraças musculares e nervosas, e dos fluxos libertadores, em lutas para manter a vida e a “Força”, o Axé ou Ngunzo afro-brasileiro. Sem dúvida, a ancestralidade é a passagem onde os devires instituintes e a espiritualidade emergem dos corpos brincando e rodando, que saem, cantando e dançando, das condições históricas de sua produção, criando linhas de fuga incorporais. As narrativas de resistência, cheias de metáforas e manhas (sendo a metáfora uma manha na linguagem), produzem um texto reconhecido pela academia, que pode, até, transformar a própria escrita acadêmica, aberta às negociações da oralidade, às astúcias da gestualidade, à sutileza da intuição. Aprendendo a ouvir e falar aquilo que não entra na lógica dominante da escrita. Assim como na canção popular cantada por Almir Sater:

*Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso
Porque já chorei demais, hoje me sinto mais forte, mais feliz
quem sabe,
Eu só levo a certeza de que muito pouco sei e nada sei,*

*Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso chuva para florir [...].*

De modo geral, seguimos um princípio de prudência, de respeito à privacidade de cada um, ao mistério e ao segredo dos seres humanos, corporais e incorporais, cantados e encantados no anômalo. Nos permitimos que essa dimensão da espiritualidade revele-se espontaneamente, rigorosamente, combativamente, para os que desejam considerá-la, no decorrer de suas pesquisas. Se alguns copesquisadores apontam para ela, a invocam, é só ouvi-la sensivelmente, liberá-la rizomaticamente. Senão, é só praticar (rituais e meditações) e silenciar. Eis o nosso cuidar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *Condition de l'Homme moderne*. Paris: Calmann-Lévy, 1983.
- BAKHTIN, Mikhaïl. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1977.
- BARBOSA, Joaquim G. (coord.). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.
- BARBIER, René. *A Escuta sensível em Educação*. Caderno ANPEd N.5. Belo Horizonte: Ed. ANPEd, 1993.
- _____. *La Recherche Action*. Paris: Anthropos, 1996.
- BATISTA, Maria Geovanda. *Nos Rizomas da Alegria Vamos Todos Hãmiya: as múltiplas relações entre o brincar o corpo e o território implicados na rede das praticas poética e sociocultural Pataxó*. Dissertação de Mestrado. Université du Québec à Chicoutimi/Universidade do Estado da Bahia, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- BOAL, Augusto. *O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- _____. *Méthode Boal de théâtre et de thérapie - l'arc-en-ciel du désir*. Paris: Ramsay, 1990.
- CASTRO Jr., Luís Vítor. *A Pedagogia da Capoeira : olhares (ou toques) cruzados entre velhos mestres e professores de Educação Física*. Dissertação de Mestrado. Université du Québec à Chicoutimi/Universidade do Estado da Bahia, 2002.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *O que é Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- _____. *Mil Platôs*. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1980.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAUTHIER, Jacques. *Sociopoética: encontro entre ciência, arte e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro, Ed. da EEAAN/UFRJ, 1999a.

_____. *O que é pesquisar* - entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. Rev. "Educação e Sociedade" V. 20, N. 69 Campinas: CEDES/Dez.1999b.

_____. *A construção heterogênea da experiência social e sua leitura pelo pesquisador*. Rev. Noesis. V.2. N.1. Salvador: Ed. da FAFED/UFBA, 2000.

GAUTHIER, J., SANTOS, I. dos, FIGUEIREDO, M.N., PETIT, S.H. (coord). *Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais* - aplicação do paradigma da sociopoética. São Paulo/Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Ed. Atheneu (no prelo).

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

JUNG, Carl. G. *O Homem e seus Símbolos*. 13a. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

KAES, René (org.). *A Instituição e as Instituições*. Estudos psicanalíticos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

LOURAU, René. *Le journal de recherche*. Matériaux d'une théorie de l'implication. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

_____. *A Análise institucional*. 2a Ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

OLIVEIRA, David Eduardo de. *Cosmovisão africana no Brasil*. Elementos para uma filosofia afrodescendente. Fortaleza: Ed. LCR, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente* – contra o desperdício da experiência. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHLANGER, Judith e STENGERS, Isabelle. *Les concepts scientifiques*. Invention et pouvoir. Paris: La Découverte, 1989.

SERRES, Michel. *Hermès II. L'interférence*. Paris: Seuil, 1972.

SODRE, Muniz. *Claros e Escuros*. Identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

THUILLIER, Pierre. *De Arquimedes a Einstein*. A face oculta da invenção científica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

WILHELM, Richard. *I Ching*. 15a. Ed. São Paulo: Pensamento, 1993.